



A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO GOIANA SEGUNDO ZOROASTRO ARTIAGA

Enderson Medeiros
enderbass@hotmail.com

Resumo

Escrever história enquanto argumento para explicar a sociedade goiana, foi uma das finalidades que Zoroastro Artiaga percorreu durante toda sua obra de vínculo nesta temática. O objetivo desta reflexão parte deste princípio para elaborar um exercício exploratório sobre as formulações de pensar e articular a história que Zoroastro Artiaga utilizou para escrever seu esboço intitulado: 'História da Educação' incluído como capítulo no seu livro 'História de Goiás' publicado em 1961. O foco é refletir o autor no seu contexto de escrita, enquanto fonte e objeto de uma narrativa de história da educação em Goiás, que percorre um período de 100 (cem) anos. Os procedimentos metodológicos que envolvem esta exploração destacam sua formação no intuito de responder quem foi Zoroastro Artiaga, como articulou sua escrita de história, quais os argumentos que foram utilizados para escrever uma história da educação em Goiás e o porquê de escrevê-la. Para tanto, conceitos como visão de mundo, representação, nacionalismo, identidade nacional entre outros serão empregados como recursos de reflexão que permitirá integrar as diferentes partes de sua obra na construção de sua narrativa da história da educação em Goiás. A discussão neste âmbito, procura desenvolver os aspectos associados ao esforço de sistematizar uma história da educação goiana, que está contextualizada por dados e informações de um tempo, e uma forma de pensar a história.

Palavras-chave: História da Educação; Goiás; Zoroastro Artiaga.

INTRODUÇÃO

Em 1961 Zoroastro Artiaga publica o segundo tomo de sua obra História de Goiás, que logo no título procura sintetizar o seu objetivo de apresentar relatos de acontecimentos históricos goianos, de 1592 a 1946. Essa obra, apesar de ainda estar nos auspícios da tradicional história política traz no seu no seu bojo, uma nova forma de apresentação histórica para época de seu contexto. Diferentemente do primeiro tomo lançado em 1959 onde o autor procura traçar uma linearidade narrativa preocupada em dimensionar a totalidade histórica, nesta Zoroastro dividi sua narrativa histórica em capítulos com temas distintos que julga representar o todo da história de Goiás. Assim, inicia relatando fatos como a 'Morte do Anhanguera', depois retorna para 'Antecedentes do Anhanguera' e salta para 'História da Polícia Goiana', e então para 'História da Educação' depois a 'História do Ensino Jurídico', passando pela 'História dos Nossos Limites', continuando sucessivamente a registrar uma história recortada, mas sem perder seu correspondente direto a história goiana e sua cronologia progressiva. Considerando o capítulo 'História da Educação' o nosso foco é refletir como foi articulada sua escrita de história, e quais os argumentos que foram utilizados para escrever uma história da educação em Goiás e o porquê de



escrevê-la. A idéia é pensar o autor no seu contexto de escrita, enquanto fonte e objeto de uma narrativa de história da educação em Goiás, que percorre um período de 100 (cem) anos. Os procedimentos metodológicos que envolvem esta exploração destacam sua formação no intuito de responder quem foi Zoroastro Artiaga, e quais são os referenciais utilizados para sua escrita de história. Nesse sentido, utilizaremos conceitos como visão de mundo de Goldman (1979), representação em Chartier (1990), nacionalismo e identidade nacional de Smith (1997), que serão empregados como recursos que permitem refletir as diferentes partes de sua obra na construção de sua narrativa da história da educação em Goiás.

2 QUEM FOI ZOROASTRO ARTIAGA

Sobre Zoroastro Artiaga existem poucas reflexões acadêmicas, um único trabalho do qual se tem notícia é de Giovana Galvão Tavares (2010) que escreveu uma tese dentro do campo epistemológico da Geologia na qual o objetivo foi apresentar o trabalho e atuação deste intelectual como publicista das coisas de Goiás.

Outros autores contemporâneos e personalidades influenciadas por sua obra e sua presença nas confrarias tradicionais de Goiás (Academia de Letras, Instituto Histórico e Geográfico de Goiás), escreveram esboços biográficos que em grande maioria foram publicados em livros, jornais e revistas. Estas pequenas biografias tiveram maior ocorrência após seu falecimento.

As perguntas que estas narrativas respondiam eram balizadas por uma descrição ao modelo *curriculum vitae* que descreve em resumo uma apresentação oficial da vida de Zoroastro Artiaga. Crispim Sobrinho (1957), Ramos (1968), Goyano (1970), Borges (1977), Vaz (1984), Campos (1985), Bittencourt (1992), Gomes (1994), Teles (2006), Martins (2007), entre outros retratam a trajetória de Zoroastro Artiaga com algumas diferenças que não modificam o sentido descritivo.

Sabemos pelo estudo desses autores que Zoroastro Artiaga, ou professor Zoroastro como muitos gostavam de chamá-lo nasceu em 29 de maio de 1891, na cidade de Itaberaí, se formou em Direito e fez vários Cursos Especiais sobre Geologia, Mineralogia, Paleontologia,

História Natural, Estatística, Geografia, Economia, Pedagogia, Didática e Rádio Atividade no Rio de Janeiro e São Paulo no período de 1937 a 1950.

Zoroastro é descrito como um participante ativo da vida intelectual de Goiás, e atuante intensivo pelo progresso de seu Estado. A palavra progresso¹ é recorrente nas narrativas bem como a referência que situam Zoroastro nas instituições intelectuais de Goiás. Desta maneira, o nome dele sempre estará relacionado como membro da Academia Goiana de Letras (AGL) e Co-Fundador do Instituto Histórico Geográfico de Goiás (IHGG).

Sirinelli (2003) nos diz que “todo grupo de intelectuais organiza-se também em torno de uma sensibilidade ideológica ou cultural comum e de afinidades mais difusas, mas igualmente determinantes, que fundam uma vontade e um gosto de conviver”. A expressão dessas afinidades em Goiás se dará na criação da AGL e IHGG. Note-se, que é a institucionalidade que respalda e evidencia a carreira de um intelectual, portanto, não é de se estranhar que grande parcela dos homens dispostos a pensar e refletir Goiás que eram destaques nos meios jornalísticos vão ocupar assento nestas instituições que tem por excelência essa natureza, entre eles Victor de Carvalho Ramos, Leo Lynce, Americano do Brasil, Henrique Silva, Albatênio Caiado de Godoy, Vitor Coelho de Almeida entre outros.

Zoroastro Artiaga como homem que percorreu a institucionalidade jornalística, política e pública, exerceu cargos que repetidamente são descritos pelos seus biógrafos como de suma importância para Goiás. Em destaque são referidos os assumidos nos conselhos técnicos criados no bojo do Estado Novo brasileiro (1937-1945), tais como: o exercício de mandato no Conselho Nacional de Geografia, Conselho Administrativo e Conselho Técnico de Economia e Finanças (Região Centro).

Pelo seu patriotismo e civismo, Zoroastro recebeu alguns prêmios por serviços prestados à cultura entre eles a medalha Clovis Beviláqua, do Ministério da Educação e Cultura.

¹ Para os biógrafos de Zoroastro Artiaga, a expressão progresso esta associada ao caráter patriótico do mesmo ter dedicado a vida a serviço de Goiás e do Brasil. Nas formulações discursivas de Zoroastro Artiaga a idéia de progresso aparece alinhada a questão política e ao crescimento econômico, tendo suas raízes de sentido numa pragmática desenvolvimentista industrial.



Sua luta como fundador e diretor do Museu Estadual de Goiás, criado pelo Decreto-Lei nº 383, de 6 de fevereiro de 1946, em 16 de maio de 1965, que posteriormente teve o nome alterado para Museu Goiano Prof. Zoroastro Artiaga (Lei nº5770), em homenagem ao primeiro diretor, que permaneceu no cargo até 1957 e, novamente em 1971² é sua marca institucional no Estado de Goiás de maior destaque.

Aposentou-se depois de 42 anos de função pública sendo elemento ativo para execuções de várias obras no âmbito de governo importantes para Goiás, entre elas a ligação ferroviária de Catalão (Goiás) a Patrocínio (Minas Gerais); construção da Ponte sobre o Rio Corumbá de importância vital para o prosseguimento da estrada ferroviária que caracterizou o processo de modernização e integração vivido em Goiás e a instalação do Colégio Santo Agostinho.

3 A HISTÓRIA E A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM GOIÁS

De todos os papéis que Zoroastro Artiaga exerceu dentro do escopo político e cultural em Goiás, a atividade como historiador foi o campo que mais lhe rendeu destaque. Com o argumento similar aos de seus contemporâneos, Americano do Brasil e Colemar Natal e Silva que faziam questão de registrar que o intuito de escrever a história da região estava ligado a idéia de preservar e documentar “o passado” do povo de Goiás, Zoroastro neste fluxo também semeou dentro do seu contexto sua percepção do passado sobre as relações políticas, territoriais e culturais da sociedade goiana. Nestas construções, emparelhadas e envolvidas em um movimento onde nação e região compõem o tecido do passado, o sentimento de uma identidade goiana imbricava-se numa complexa construção de se pensar a história.

A necessidade de edificar um passado que faz sentido ao presente era a matéria prima que se abria como questão para se imaginar a região no seu aspecto político e cultural. O passado elegido e vivido e dado a ler no plano coletivo, e o esforço realizado para recordar, pensar e interpretá-lo, se colocava diante do prospecto nacionalismo que tinha raízes no movimento

²Em 20 de agosto de 1980, sofreu nova alteração em seu nome, pelo Decreto-Lei nº 1788, passando a ser denominado Museu Estadual Prof. Zoroastro.



intelectual fomentado pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) no início do século XIX. O nacionalismo como linguagem e simbolismo explica Smith (1997), se torna um fenômeno de elite, um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de uma nação, no qual os intelectuais desempenham um papel preponderante. No caso específico de Brasil, esses preceitos assumem o caráter de um movimento político onde a institucionalidade do IHGB acaba por dar forma, e sentido na concepção de uma história nacional. Neste âmbito, a identidade nacional como fenômeno social coletivo implica numa consciência de comunidade política como aborda Smith (1997), que por sua vez, subentende pelo menos algumas instituições comuns e um único código de direitos e deveres para todos os membros da comunidade. Smith (1997), sublinha que este conceito sugere também um espaço social claro, um território bem demarcado e limitado, com o qual os membros se identificam e ao qual sentem que pertencem.

A preocupação em delimitar uma cultura que fosse brasileira guiada pela questão nacional que aparece no arcabouço institucional do IHGB no início do século XIX e reaparece com força na década de vinte com os intelectuais que circulam a Semana de Arte Moderna de 1922, e permanece corrente na produção discursiva de intelectuais da década de 30 em diante, esta sintonizada diretamente a história e a memória da nação que se fez presente em diversas obras do início do século XX.

A história enquanto argumento era o âmago da busca de elucidar a nossa gênese e dar contornos a nossa nacionalidade.

Em Goiás houve tentativas nessa mesma corrente de pensar e escrever uma história, que desse amparo às indagações a respeito da cultura regional³. Colemar Natal e Silva (2002) em 1932 na primeira edição de sua obra “História de Goiás” refletindo a importância cívica do sentimento de se possuir uma história questiona: “Porque nós, goianos, não teríamos também a nossa história?”

³ Americano do Brasil é figura emblemática dessa composição sua obra “Súmula da História de Goiás” publicada em 1931 retrata com destaque esse esforço.



É sob esses mesmos auspícios que Zoroastro lança sua primeira obra publicada, “Contribuição para História de Goiás”, impressa em 1947⁴ patrocinada pelo Departamento de Cultura de Goiás, qual era ligado na época como Diretor do Museu Estadual de Goiás.

Até 1947 Zoroastro Artiaga era prestigiado como jornalista, economista, geólogo, geógrafo até mesmo botânico, mas é com a publicação de sua primeira obra é que viria a ser conhecido como historiador. “Contribuição para história de Goiás” é um livro síntese da história goiana que abarca em 75 páginas a política em Goiás de 1727 até 1934. Esta obra na carreira de Zoroastro é um divisor de águas no que compete a sua atuação enquanto personalidade ligada a política goiana, e o seu papel no âmbito da cultura histórica⁵ de Goiás. É neste pequeno livro que Zoroastro Artiaga, inicia seu legado de historiador.

Pensando a história, como uma operação tal como relatou Certeau (1982), o instrumental que Zoroastro utilizava para escrever sua história goiana eram os documentos, as fontes de acesso a um passado. Os documentos, eram indicadores de uma confiabilidade do que estava sendo feito, eram os ingredientes da fórmula da escrita de história. Encontrados nos arquivos, da administração do estado goiano dependiam ainda da relação da interpretação do homem. Hartog (1999), nos explica que,

No ponto de partida, para que haja arquivo, é preciso haver homem letrado e, para utilizar os arquivos, trabalhar a partir de arquivos, é preciso, de uma maneira ou de outra, privilegiar o escrito como mais verdadeiro, mais autêntico, mais seguro que o oral (ficando bem entendido que o escrito pode mentir) (HARTOG, 1999, p. 291)

Acerca disto, pensar a escrita da história do Brasil na primeira metade do século XX era mais do que satisfazer uma vontade simbólica, mas uma necessidade existencial enquanto cidadão

⁴ No processo da pesquisa não conseguimos encontrar nenhum artigo em jornal ou revista que relacione à figura de Zoroastro a temática história até o ano de 1947. É recorrente em toda sua produção discursiva a questão econômica, e esta emoldura grande parcela de sua bibliografia, mas curiosamente a primeira obra de sua autoria que viria a ser publicada é “Contribuição para História de Goiás”, impressa em 1947.

⁵ Ao se apropriar do conceito “cultura histórica” estamos remetendo a Le Goff (1992) que o compreende como, o modo dos homens construir e reconstruir seu passado, ou seja, o lugar que o passado ocupa nas sociedades, e a forma que elas pensam sobre seu passado e expressam o que pensam e maneira de fazerem isso.



brasileiro. Estava em evidência o processo de construção de uma unidade nacional que se baseou entre outras coisas, refletir o que era de fato o Brasil, e como refletir uma sociedade sem história?

Americano do Brasil o grande expoente da geração⁶ de goianos que se propôs a refletir essa questão rubrica um modelo para escrita da história goiana no qual em grande medida vai ser seguido por Zoroastro Artiaga. Na sua obra *Súmula Histórica de Goiás*, o autor é enfático ao refletir quais características deveria ter um historiador,

O historiador tem de naturalista, para na primeira página de seu trabalho gravar a descrição exata da terra com sua flora, sua fauna, seu clima, em comunhão contínua com o homem; tem de etnólogo, para amar as componentes de nosso sangue mestiço e compreendê-las na eloquente atividade de seu mourejar, ou nas folganças do lazer, ditando seus cantos e criando suas lendas para ocultar suas mágoas e apurar o misticismo atávico; tem de democrata, para segui-las nas aspirações, entendê-las nos anelos, para frequentar suas palhoças e ouvir suas recriminações, para estudá-las, aristocráticas e evoluídas, nas lutas políticas e entender-lhes os assomos de liberalismo; tem de economista, para apreciar o povo no trabalho e calcular sua projeção futura na carta das riquezas; tem de filósofo, para analisar a formação mestiça da pátria, penetrar seus ideais, suas tendências e guiar suas transformações, premidas por novas circunstâncias; tem de erudito, para um completo conhecimento do passado nacional, de suas glórias, de seus anseios inatingidos, de suas tradições; tem de poeta, para fazer deste complexo um trabalho de vida, de seiva, onde palpita o Brasil antes de tudo, e apareça em nosso caso particular, o nome goiano, como uma copulativa de progresso, de labor e benquerença à unidade territorial.(BRASIL, 1982, p.1).

Em uníssonos com Americano do Brasil, Zoroastro replica essa mesma premissa e completa,

O genial Americano do Brasil, teve a glória de fazer o melhor trabalho de investigação histórica, nos arquivos de Goiás, sobre a Bandeira do Anhangüera. Avançou também até o tempo de navegação do Araguaia e não pode terminar sua obra. Escreveu "Em Convívio com as Traças". "História de Goiás" e "Súmula de História de Goiás". Colemar Natal e Silva fez admirável trabalho de pesquisa, contudo não passou do período colonial. O Cônego José da Trindade Fonseca e Silva limitou-se à História da Igreja em Goiás: e a não os antigos historiadores, outros não se animaram nesse mar imenso de um longo passado não documentado a navegar com destemor. Propus, então desde minha longínqua mocidade a preencher essa lacuna e vali-me da copiosa bibliografia que consta

⁶ A idéia de geração é trabalhada nesta reflexão como um "conjunto de homens que experimentou um certo tempo" (GOMES, p.40).



desta obra, para dar aos moços de Goiás, aquilo que eu não encontrei quando estudante. (ARTIAGA, 1968a, p.6)

Na exposição de Zoroastro Artiaga o autor declara sua filiação a uma escola de pensamento e escrita de história de Goiás estabelecida pela figura de Americano do Brasil, e pautada na notória significação de história, erguida na ideia de um passado construído como precedente que dá sentido ao presente, neste âmbito as discussões sobre o espírito patriótico, o civismo e o nacionalismo ganham corpo e são como aponta Bauer (2013) ,“ o substrato ou substância da nação, aquilo que perdura através de todas as mudanças, a unidade em todas variedades individuais”.

Nesta linha de raciocínio o passado recordado está relacionado com os projetos identitários, com as conotações do presente e as reivindicações de validade, conduzidas sob o núcleo de consciência política, que imbricam diretamente nas balizas dos esquemas mentais de exposição da história de Goiás. Os argumentos que vão ligar à região a nação, se fazem nesse passado reconstituído e associado de um “tempo cronológico datado com e por acontecimentos hierarquizados e dotados de sentido” (GOMES, 1996, p.163).

É nestas premissas que Zoroastro Artiaga conjectura sua explicação sobre a história da educação em Goiás, subdividindo a história de Goiás em temas como apontados por Americano do Brasil (1982) no qual elenca a história da educação como fração da totalidade histórica, Zoroastro inicia sua preleção sublinhando que “a história de Goiás não estaria bem relatada sem o capítulo da educação, ensino e cultura; e, por isto mesmo, investiguei quanto pude, nas fontes escassas dos poucos arquivos existentes no Estado” (ARTIAGA, 1961, p.34).

Sua idéia neste argumento inicial contextualiza o caráter de uma história documental da educação onde o elemento arquivo possui destaque de legitimidade, para construção de uma linguagem destinada a convencer o leitor. Ao dar sequência aos seus argumentos, Zoroastro expõe o objetivo central de sua narrativa.

Irei relatar unicamente a respeito do ensino médio que, durante mais de um século foi ministrado exclusivamente na velha capital. Como sabem todos os estudiosos de História do Brasil, o ensino secundário era proibido e poucos



tiveram aqui o privilégio de uma exceção, isto porque estudaram particularmente, a partir de 1821, da gestão do cônego Silva e Souza.(ARTIAGA, 1961, p.34)

Ao delimitar seu escopo de investigação o autor continua sua construção fazendo um apanhado cronológico dos sujeitos que estiveram envolvidos com a questão educacional em Goiás, de meados ao final do século XIX até a metade do século XX. Sua análise perpassa constantemente uma relação estruturante da política-administrativa e seus desdobramentos com o campo da educação em Goiás, enfatizando uma história de causa e efeito o qual o lado político esta atrelado a uma explicação para cultura brasileira, herdada dos portugueses, sem se esquecer de exaltar os valores patrióticos dos goianos.

Em 1844, o benemérito dr. João Machado Corumbá, pioneiro desta cruzada, fêz o seu testamento, deixando os seus bens para a província de Goiás, com a condição de criar e manter, perpetuamente, uma cadeira de Geometria, com os rendimentos daquêles bens. Eram seus companheiros José Marques Tocantins, João Bueno Pitaluga Caiapó e João B. Xavier Serra Dourada, que para provarem seu amor a Goiás adotaram, nos sobrenomes, nomes de rios e de serras goianos.(ARTIAGA, 1961, p.34)

No intuito de relatar uma história que se apresentasse com o caráter exemplar, Zoroastro concatena os efeitos da política na condição educacional em Goiás e aponta,

Completava agora 40 anos, desde que o dr. João Machado Corumbá havia deixado seus bens para com os rendimentos custear uma aula de Geometria, como incentivo à preparação dos jovens goianos, e nada havia mudado. Ainda hoje, em nossos dias, a situação é a mesma: o govêrno permite que asua Secretaria de Estado da Educação intervenha na escolha do professorado, atendendo exclusivamente, ao critério político. Uma professora que tenha mais de dez anos de tarimba, poderá ser preterida por uma filha do chefe local; que será, então, a dirigente do Grupo Escolar se desejar o emprego. Desta maneira, e ainda com salários de fome e sem garantias no cargo, podendo ser removida a qualquer momento, demitida ou suspensa do emprego, não haverá, jamais, estímulo e as Escolas Normais se fecharão. Até aqui, em todos os tempos da vida educacional do Estado, só a vocação para a martírio, a tenacidade e amor ao magistério poderão fazer com que o professor primário se desloque para o interior. Os que são recrutados lá, não têm base cultural e pedagógica; e não podem ter predicados necessários, senão excepcionalmente; de modo que, as normacolandas de todos os Educandários, ao receberem o diploma, que representam um enorme sacrifício aos cofres públicos, não pensam em ser professoras e sim, em disputar um emprego na capital. Também as bolsistas jamais voltam aos seus postos, resultando tudo em fracasso, o zelo do Estado para ter um professorado a altura das necessidades gritantes, em face do



aumento da população, e do crescimento do índice de analfabetismo em Goiás. Só apolítica está fornecendo professoras ao magistério e ela mesma consegue superlotar as repartições com as suas pupilas, e as escolas de suas comunas ficam ao léu, baixando imediatamente a pressão dos que desejam de fato fazer progredir a educação, ensino e cultura. Desta maneira o governo jamais conseguirá desatar o nó górdio que prendeu o progresso educacional do Estado e o ensino primário. (ARTIAGA, 1961, p.38)

Zoroastro, na sua representação⁷ da história da educação apresenta uma leitura crítica em relação às políticas educacionais praticadas pelos governos goianos, e acentua as permanências históricas ao aproximar sua reflexão a experiência do tempo presente. Utilizando do conceito de visão de mundo em Goldman (1979), no qual nos permite integrar as diferentes partes de uma obra ou os momentos distintos de um livro no intuito de encontrar no conjunto uma coerência. Entendemos que estas abordagens e reflexões feitas pelo autor se aproximam de sua concepção explicativa para a cultura brasileira, e sua influência pelo pensamento de Manoel Bomfim. Ao buscar elucidar a gênese da raiz política brasileira, Zoroastro faz a seguinte argumentação,

[...] Portugal colonizou Goiás muito diferente do modo pelo qual os E. Unidos foram colonizados pela Inglaterra. Lá, a colonização se fez com homens educados, de estirpe irlandesa, com técnicos agricultores e pecuaristas, que tiveram uma experiência milenar, e aqui, a colonização, foi feita com a escória européia, da qual desejavam se libertar, tais como ladrões incorrigíveis, prostitutas, ciganos, galés, convictos, e cachaceiros procedendo-se com imperialismo com desamor ao próximo [...] Tudo por aqui era “caminho fechado”, lavoura, comércio, educação, criação, e abertura de estradas. (ARTIAGA, 1968b, p.4)

Comparando e hierarquizando o processo colonizador de Portugal no Brasil, Zoroastro explicita seu pensamento antilusitano influenciado pelas obras de Manoel Bomfim, que aqui e acolá ele cita na sua construção de história.

Manoel Bomfim foi um dos intérpretes do Brasil no início do século XX que mais bem resumiu o sentimento antilusitano, argumentando que o povo brasileiro possui espírito de união,

⁷ A idéia de representação que é trabalhada como um conceito operativo a partir dos pressupostos formulados por Roger Chartier, que a define como o “modo em que diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada e dada a ler” (CHARTIER, 1990, p. 17). Este conceito nos é útil para que possamos perceber como Zoroastro Artiaga construiu, pensou e deu a ler a sua versão de história da educação goiana, firmada numa compreensão política de ordenação do tempo.



solidariedade patriótica, cordialidade nas relações internas, mas, foi degenerado pela essência portuguesa que deixou influências nas práticas políticas, “[...] depois de ter sido, durante quase dois séculos, carne viva para a varejeira lusitana, o Brasil acabou incluindo na sua vida o próprio estado que, de lá emigrara, na plenitude da ignomínia bragantina” (BOMFIM, 1996, p.57).

Correlato ao pensamento de Manoel Bomfim, Zoroastro identificava na figura do português a raiz do atraso brasileiro, e conduzido também pelo idealismo deste autor que promulgava os seguintes pressupostos,

Em vez de esperar que os analfabetos, entusiasmados pela ciência, se combinem e se cotizem, e venham organizar escolas para si e para os filhos, ou que, desiludidos da própria ignorância, nos venham pedir instrução, vamos nós oferecer-lhes essa instrução, que eles desconhecem e que os reerguerá. Começemos pelo princípio: difusão do ensino primário. Espanejemos as inteligências, despertemo-las; é o caminho para chegarmos à educação integral. (BOMFIM, 2005, p.387)

Zoroastro, acomodou na pragmática política, seu contorno explicativo para construir sua história da educação goiana que emoldurada ao escopo nacionalista reúne 3 (três) núcleos de sentido, o primeiro corresponde a elucidar a raiz da formação educativa no âmbito do processo colonizador, localizando no sujeito histórico da figura do português como causa para o nosso atraso. O segundo esta conectado ao sistema politico-administrativo e sua institucionalidade em promover a educação por meio da instrução pública no Brasil, o que em sentido prático se liga na capacidade do Estado de articular, organizar e por em prática um plano de educação para o país, afim de sanar o retardo herdado da politica lusitana.

O mau de Goiás foi sempre o de misturar a instrução e educação com a política provendo os colégios de lentes despreparados, impostos pelos partidos, como meio de vida. Infelizmente, ainda em nossos dias vemos a prática dessa calamidade, e o resultado é a elevada percentagem de analfabetos que temos. Não adianta criar ótimos órgãos para o ensino e não nomearem homens à altura de seus cargos. Nem mesmo o remédio dos concursos deram resultados devido o protecionismo de mãos dadas pela fraude com que os realizam. (ARTIAGA, 1968c, p.6)

O terceiro relaciona-se a ideais nacionalistas no qual pela figura exemplar de grandes homens que se dedicaram a causa educacional, viria à superação para a condição de atraso na educação.



[...] como sincera homenagem a tôdos os mestres falecidos, que lutaram pela instrução em Goiás, incluo aqui a biografia do professor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, que foi por muitos anos professor do Liceu, da Escola Normal e desta seu diretor. [...] Ficou o Professor Ferreira na história da educação em Goiás como paradigma do educador, por sua cultura e inteligência, por sua dedicação e sua bondade.[...] No velho Liceu da rua Couto de Magalhães e na nossa recordação ainda ressoa sua voz prelecionando; mas a lição imorredoura, inesquecível, que nos deixou foi o seu Dicionário. E vendo aquelas suas primeiras provas devia ter sentido a mesma sensação de quando ouvia a sineta que o avisava do início de sua aula : ia ensinar, contribuir para a grandeza de sua terra, a terra que tanto amou, habilitando os seus jovens conterrâneos a fazê-la grande, seguindo o seu exemplo de dedicação e de trabalho e os seus sábios ensinamentos.(ARTIAGA, 1961, p.44-46)

Todos os argumentos que compõem a concepção de História da Educação em Goiás, elaborada por Zoroastro culminam num olhar hierarquizante de pensar a educação via tutela do estado. Acompanhando a premissa que antes de 1821 não havia uma política no âmbito da educação em Goiás, Zoroastro dá saltos na escrita de sua história de educação pautando seu olhar somente a partir dos relatos de processos educacionais da gestão do Conêgo Luiz Antônio da Silva e Souza, deixando uma lacuna temporal de investigação que sobrevive nas produções sobre o tema como relata Valdez & Barra (2012).

Comparando seu trabalho com as duas grandes⁸ e pioneiras obras do quadro bibliográfico da história da educação goiana, Silva (1975) e Bretas (1991), observamos que Zoroastro se limitou a investigar os processos e relatos educacionais existentes em Goiás pelo olhar político-administrativo, enquanto os outros dois autores abriram o leque de pesquisa nas fontes investigadas. Silva (1975), inclusive faz uso de depoimentos e entrevistas⁹ para buscar elucidar seu problema. Bretas (1991), na sua extensa obra arrola diversos tipos de documentos para fazer seu balanço focando seu olhar e sua atenção para a questão da instrução educacional e

⁸ Importante notar que ambos os trabalhos de Silva (1975) e Bretas (1991), bem como estudos mais recentes como de Abreu (2006), Barros (2006) e Valdez & Barra (2012), não fazem nenhuma referência ao estudo de história da educação confeccionado por Zoroastro Artiaga (1961).

⁹O trabalho de Silva (1975), ao fazer uso de uma metodologia que se aproxima da abordagem da história oral, coloca a figura de Zoroastro Artiaga no escopo dos depoimentos de pessoas que ela classifica como "idôneas: professores, escritores, profissionais liberais que, de uma forma ou de outra, militam ou militaram no setor da educação" (SILVA, 1975, p.75), entretanto em nenhum momento de sua obra a autora faz referência ao trabalho de Zoroastro Artiaga sobre a história da educação.



para dados que se relacionam diretamente a metodologia do ensino, e como se dava a cultura escolar da educação e inicia sua descrição histórica nos relatos antecedentes a 1821, ainda no período régio das missões jesuíticas. Zoroastro mesmo tendo o privilégio de ser testemunha ocular e vivenciar as práticas educacionais do final do século XIX e início do século XX, não consegue problematizar suas fontes, fazer conexões e traçar modelos explicativos e fazer na sua narrativa uma crítica arguta histórica, como Silva (1975), procurou engendrar ao investigar o modelo tradicional de escola existente em Goiás.

O foco de Zoroastro esta no olhar da administração política, por isso seus argumentos se regram nas questões administrativas e institucionais da educação, passa despercebido questões de cunho social ou mesmo cultural nas práticas educacionais que se fazem presentes no bojo das instituições qual ele descreve. Seu propósito esta em chamar atenção do leitor para gestos que conclamam o papel do Estado e da política na questão organizativa da educação. Nesse sentido, sua narrativa é provocativa ao destacar,

No ano de 1883, o Inspetor informou ao Presidente que, tanto o ensino primário como o secundário não iam bem, e achavam-se no mais deplorável atraso. A causa de tudo isto, era a intromissão da política na escolha dos lentes, que, apesar de prestigiosos, não tinham competência para lecionar. (ARTIAGA, 1961, p.37)

Zoroastro ao relacionar fatos políticos com a educação, sempre apontando a raiz causal para os problemas não deixa de ser propositivo na sua articulação, [...] “ A solução [ao problema educacional do Estado de Goiás] será feita em concurso feito fora da influência política, com ordenados bons e estabilidade” (ARTIAGA, 1961, p.38). Mergulhado numa visão política de mundo política, Zoroastro finaliza sua obra fazendo um balanço estatístico e econômico da educação em Goiás, ponderado no seu “espaço de experiência e horizonte de expectativa” (KOSSELECK, 2006), gesticulados fundamentalmente a partir de sua atuação como tecnocrata do Estado Novo Varguista em Goiás (1937-1945).

Atualmente [1950] a situação de Goiás é a seguinte: Uma Universidade Católica uma Escola de Direito, uma Escola de Engenharia, uma de Filosofia, uma de Ciências Econômicas, uma de Belas Artes, além da Faculdade de Direito federalizada; uma Escola de Farmácia e Odontologia e outras em organização. O ensino secundário e normal está assim enriquecido em Goiânia: Colégio S.



Agostinho, Ateneu D. Bosco, C. Santa Clara. C. S. Agostinho de Campinas, Colégio Vera Cruz de Setor Leste, Escola Normal e C. Santa Clara, Ginásio Prof. Ferreira, Ginásio de Campinas, Instituto Araguáia, G. S. Vicente de Paula, Instituto de Educação do Estado, Ginásio São José e outros. O ensino profissional está circunscrito nas seguintes Escolas: Enfermeiras de São Vicente, Arte Culinária do S. Agostinho, Escola Técnica Federal, etc. O ensino comercial está ministrado em cinco estabelecimentos, a saber: Curso Técnico de Contabilidade Dom Bosco, E. T. de Comércio de Campinas E. T. de Comércio de Goiânia, E. T. C. da Associação Comercial, e Ensino Técnico de Artes e Ofícios. O ensino primário, em Goiânia, é ministrado em 112 escolas, e 13 grupos escolares. **Como se constata, a situação, depois da mudança da capital para Goiânia melhorou consideravelmente no setor de educação.** (ARTIAGA, 1961, p.43, grifo nosso)

A construção de Goiânia projeto idealizado pelo grupo político de Pedro Ludovico, qual Zoroastro Artiaga foi partícipe, aparece na sua narrativa de história da educação para cingir e justificar os atos do passado, responsáveis pelo progresso educacional do Estado. Num movimento de pincelar mais de um século da história educacional em Goiás, Zoroastro sublinha a oficialidade dos processos e práticas educacionais por meio de um olhar que traz a lume, sua marca institucional de um homem engajado nos meios políticos. Nesse sentido, as críticas e as proposições feitas por Zoroastro na questão educacional goiana, acompanham uma linha de raciocínio que está impressa em todo conjunto de sua obra, que sinteticamente exprimi uma apresentação temática conectada a totalidade histórica e política do par região/nação. Em suma sua narrativa da história da educação goiana é produto desta concepção organizativa do Estado, que conjecturada pelo seu papel e sua trajetória pode ser uma fonte rica para reflexões do modelo educacional, que foi pensado pelos grupos que atuavam e participavam do poder político em Goiás.

REFERÊNCIAS

ABREU, Sandra Elaine Aires de. **A instrução primária na província de Goiás no século XIX.** 2006. 340 f. Tese (Doutora em educação: história, política, sociedade) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

ARTIAGA, Zoroastro. **Contribuição para história de Goiaz.** Goiânia: Departamento Estadual de Cultura, 1947.

ARTIAGA, Zoroastro. História da Educação: 1847-1950. In: **História de Goiás:** relato de



acontecimentos históricos goianos de 1592 a 1946: tomo 2. Goiânia: [s.n], 1961.

ARTIAGA, Zoroastro. História de Goiás: Bandeira de Bartolomeu Bueno (Pai). **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6. 16 jan. 1968a.

ARTIAGA, Zoroastro. História de Goiás: Péssima colonização. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p. 4. 08 abr. 1968b.

ARTIAGA, Zoroastro. História de Goiás: Governo de Dom Domingues Quirino de Sousa - Segundo Bispo da Prov. De Goiás. **Folha de Goiaz**, Goiânia, p.6. 27 set. 1968c.

BARROS, Fernanda. **Lyceu de Goyaz**: elitização endossada pelas oligarquias goianas 1906-1937. 2006. 169 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

BAUER, Otto. A nação. In: ANDERSON, Benedict. **Um mapa da questão cultural**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p.45-84.

BITTENCOURT, José Luiz. Zoroastro Artiaga: uma vida de sábio a serviço de Goiás. **Revista da Academia Goiana de Letras**, Goiânia, nº 13, p. 23-32. 1992.

BOMFIM, M. **O Brasil nação**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

BOMFIM, Manoel. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 2005.

BORGES, Humberto Crispim. **Retrato da academia Goiana de Letras**: história, bibliografias, apresentações. Goiânia: Oriente, 1977.

BRASIL, Americano do. **Súmula de história de Goiás**. 3.ed.Goiania :Unigraf, 1982.

BRETAS, G. **História da instrução pública em Goiás**. Goiânia: Editora da UFG, 1991.

CAMPOS, Maria das Dores. **Gente nossa**. Goiânia: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado, 1985.

CERTEAU, Michel de. Operação historiográfica. In: _____. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 65-109.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa, Difel, 1990.

CRISPIM SOBRINHO, Declieux. Defende-se a cultura até de arma na mão: a grande paixão do Professor Zoroastro. **Jornal Óio**, Goiânia, ano.1, v.7, p.1-2,1957.

GOMES, Ângela Maria de Castro. **História e Historiadores**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação



Getúlio Vargas, 1996.

GOMES, Horieste. **Zoroastro Artiaga**: pioneiro da geografia de Goiás. Rev. Inst. Hist. e Geog. de Goiás, Goiânia, v.14, nº1. P-84-88, 1994.

GOYANO, Augusto Jesus Mene; CATELAN, Álvaro. **Súmulas da literatura goiana**. Goiânia : Brasil Central, [1970].

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

LE GOFF, J et al. (Orgs). **A nova história**. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

MARTINS, Mário Ribeiro. **Dicionário Bibliográfico de membros da Academia Goiana de Letras**. Goiânia. Kelps, 2007.

RAMOS, Victor de Carvalho. **Letras goianas**: esboço histórico. Goiânia: Instituto Goiano do Livro, 1968.

SILVA, Colemar Natal e. **História de Goiás**. Goiânia: IGL: AGEPEL, 2002.

SILVA, N. R. Araújo e. **Tradição e renovação em Goiás**. Goiânia: Editora Oriente, 1975.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Ed. FGV, 2003.

SMITH, Anthony D. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

TAVARES, Giovana Galvão. **Zoroastro Artiaga**: o divulgador do sertão goiano (1930-1970). 2010. f. 205. Tese (Doutorado em Geociências)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Geociências, Campinas, 2010.

TELES, Jose Mendonça. **Dicionário do Escritor Goiano**. 3.ed. Goiânia: Kelps, 2006.

VALDEZ, Diane; BARRA, Valdeniza Maria Lopes da. História da Educação em Goiás: estado da arte. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 21, n. 45, p. 105-126, jan./abr. 2012

VAZ, Coelho. **Vultos catalanos**. 2.ed. Goiás : [s.n.], 1984.